

## LINGUAGEM LITERÁRIA E LINGUAGEM CORRENTE NO PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE

PERPÉTUA GONÇALVES<sup>1</sup>  
Universidade Eduardo Mondlane

### 1 - INTRODUÇÃO

Em Moçambique, o Português encontra-se em situação de intenso contacto com línguas do grupo bantu, que são as línguas maternas da maior parte (cerca de 95%) da população. Associados a esta língua estão o prestígio e o poder social, e uma das principais consequências desta relação assimétrica e competitiva existente entre o Português e as línguas bantu é o processo de mudança de língua ('language shift') em direcção ao Português, que tem como principais protagonistas as classes superiores da população urbana. Este é o quadro sociolinguístico em que se desenvolve a variedade moçambicana do Português, que se vai progressivamente distanciando do modelo original, o Português europeu.

Para muitos leitores, o acesso à literatura moçambicana contemporânea em língua portuguesa passa pelo conhecimento das propriedades do Português corrente usado em Moçambique, como forma a delimitar, tanto quanto possível, as fronteiras entre a criatividade individual dos escritores, e o "novo" sistema linguístico produzido pela comunidade de falantes desta língua. Por exemplo, perante textos como os de Mia Couto (MC), em que são numerosas as rupturas relativamente à norma europeia, os leitores ficam frequentemente indecisos quanto à "autoria" das inovações encontradas nas suas obras, não sabendo se deverão atribuí-las inteiramente ao escritor, ou à comunidade de falantes do Português de Moçambique (PM). Neste último caso a arte de MC residiria crucialmente na capacidade de "recuperar" as inovações da língua corrente a nível do discurso literário.

É a este tipo de questões que gostaria de responder neste artigo, ao longo do qual procurarei mostrar a dinâmica do processo de construção da variedade

---

<sup>1</sup> Professora Associada na Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique.

moçambicana do Português, como base para a compreensão de alguma da literatura produzida nesta língua. De um modo mais particular, serão aqui apresentados alguns factores sociolinguísticos que permitem compreender a direcção que este processo está tomando - e também a sua extensão - e, desta forma, permitem situar o fenómeno literário no contexto linguístico nacional<sup>2</sup>.

## 2 - A VARIEDADE MOÇAMBICANA DO PORTUGUÊS

Analisando as situações de contacto de línguas do tipo das que foram produzidas pela expansão colonial, Thomason & Kaufman (1988) predizem que as línguas maternas das comunidades locais sofrem essencialmente inovações lexicais, através da incorporação de palavras das línguas exógenas, as línguas coloniais, com as quais estão em contacto. Estas, por seu lado, adoptadas como línguas de comunicação no processo de 'mudança de língua' acima assinalado, sofrem modificações não tanto a nível do léxico, mas a nível da sua gramática em sentido mais restrito, isto é, são sobretudo os traços fonéticos, morfológicos e sintácticos do seu sistema gramatical que são alterados. Assumindo que a generalização destes autores é válida para o PM, pode então predizer-se que este se distingue do Português europeu 'standard' (PE) - oficialmente tomado como referência e socialmente considerado a norma de prestígio - não tanto por fenómenos de inovação lexical, mas sobretudo por alterações gramaticais de natureza diversa. Esta foi a hipótese de investigação postulada por Gonçalves & Siteo (1998), onde se apresentam argumentos empíricos que mostram claramente a inconsistência das inovações lexicais no PM, em contraste com a frequência e sistematicidade das inovações gramaticais que se registam nesta variedade do Português.

Um segundo aspecto, igualmente crucial para uma captação do processo de mudança que atinge o Português em Moçambique, diz respeito à forma como decorre, em geral, a aquisição de línguas não maternas, sobretudo quando estas têm o estatuto de línguas 'segundas' (L2), ou melhor, quando são aprendidas não apenas em contexto escolar (como acontece normalmente com as chamadas línguas estrangeiras), mas também em ambiente natural, onde cumprem algumas funções básicas de comunicação. Estão neste caso as línguas ex-coloniais, estabelecidas como línguas oficiais depois da independência na maior parte dos países colonizados, que são usadas não só nas instituições

---

<sup>2</sup> Veja-se ainda Gonçalves (1998), onde este exercício de aproximação linguagem corrente-linguagem literária inclui igualmente a literatura angolana, nomeadamente o trabalho literário de Luandino Vieira.

escolares e na comunicação oficial, mas também em alguns sectores da vida pública.

Pode dizer-se que, em geral, constitui uma tendência natural do desenvolvimento gramatical dos aprendentes de uma língua que estes procurem alcançar uma competência total na língua-alvo, isto é, os aprendentes de uma língua têm normalmente como objectivo alcançar uma convergência com as regras da língua que tomam como alvo de aprendizagem. Nas sociedades pós-coloniais, esse objectivo de aprendizagem nem sempre é alcançado plenamente devido à quase ausência de representantes desta norma. No caso concreto de Moçambique, a exposição dos aprendentes a um discurso produzido sobretudo por falantes de Português/L2 - em que há frequentes divergências relativamente à variante padrão europeia - faz com que, mesmo que estes não se desviem conscientemente do seu alvo de aprendizagem, acabe por emergir uma gramática do Português diferente do modelo (ideal) europeu. Neste contexto, pode considerar-se que as mudanças que se observam no PM não resultam de um processo, deliberado e consciente, de construção de uma variedade local da língua ex-colonial. Pelo contrário, essas mudanças decorrem “naturalmente” da aquisição do Português numa comunidade em que a maior parte dos seus falantes não o usam como língua materna, ficando, por conseguinte, os aprendentes privados da exposição a dados da norma linguística tomada como alvo.

Sintetizando, a compreensão do processo de variação e mudança do PM requer, por um lado, que se tome em consideração o lugar que esta língua ocupa na situação de contacto linguístico em que se encontra, e, por outro, que se tenha em conta a sua situação de língua não materna da maior parte da comunidade dos seus falantes. Estes elementos permitem fazer predições interessantes sobre esta variedade africana do Português, nomeadamente sobre o facto de esta se distinguir do PE sobretudo a nível das suas propriedades “gramaticais” (e não das suas inovações lexicais), e ainda sobre o facto de esta comunidade ter uma predisposição “natural” para abandonar as suas próprias inovações linguísticas, em lugar de as conservar e expandir como forma de construir a identidade nacional através da diferença linguística.

Apresentarei em seguida evidências empíricas que mostram como se manifesta esta assimetria entre as inovações lexicais e as alterações gramaticais (sintácticas e morfo-sintácticas)<sup>3</sup>. Segundo a investigação já disponível, no total de desvios relativamente à norma europeia, as primeiras representam apenas cerca de 10% contra 90% para as alterações gramaticais (cf. Gonçalves, 1997).

---

<sup>3</sup> Esta análise não inclui as mudanças a nível fonético-fonológico, visto que não foi ainda realizada investigação consistente sobre esta área do PM.

No que se refere ao léxico, os dados recolhidos mostram que, além de pouco numerosos, a maior parte dos neologismos que ocorrem no discurso dos falantes tem carácter disperso. A título de exemplo, refira-se que, embora tenham sido atestadas no discurso dos falantes palavras inexistentes no PE como *empretação*, *perigosidade* ou *ajudamento*, tal não significa que elas sejam já parte do património linguístico desta comunidade, uma vez que continuam a predominar na linguagem corrente o uso das suas equivalentes ‘standard’, *empréstimo*, *perigo* e *ajuda*. Note-se também que, mesmo os chamados neologismos semânticos (em que há alterações do sentido de palavras já existentes no PE), que são relativamente frequentes no PM, apresentam igualmente carácter disperso. Assim, embora tenham já sido atestados novos sentidos para palavras como *pedir* (= ‘perguntar’), *calamidade* (= ‘roupa usada’ (e inicialmente destinada a vítimas de calamidades naturais)), ou *antepassado* (= ‘antes do último, penúltimo’), só os sentidos atribuídos às duas últimas é que fazem actualmente parte do reportório lexical da comunidade.

Quanto às inovações gramaticais, sendo impossível a sua descrição extensiva no âmbito deste artigo, deve ressaltar-se que atingem numerosas áreas da gramática do PE<sup>4</sup>. A título de exemplo, vejam-se algumas frases do PM em que se exhibe este tipo de mudanças:

1. *Não queriam obedecer ordens dos professores.* (PE: ...às ordens...)
2. *O miúdo foi nascido com um machambeiro.* (PE: sem equivalente)
3. *Não casam porque os pais impedem-lhes.* (PE: ... os impedem)
4. *Embora que os responsáveis também sofrem, para eles é diferente.* (PE: embora os responsáveis também sofram...)
5. *Você já sabia que eu conheço alguém que pode te ajudar!* (PE: ... que o pode ajudar)

Como se pode ver, nestas frases, é o conjunto das alterações gramaticais que produz o efeito de se estar perante um Português “novo”. Assim, apesar de em nenhuma destas frases ocorrerem neologismos lexicais, as alterações a nível das propriedades de regência dos verbos e do uso dos artigos (cf. 1), do formato das estruturas passivas (cf. 2), das regras de colocação dos pronomes pessoais (cf. 3 e 5), das construções de subordinação (cf. 4), ou ainda da concordância das formas de tratamento (cf. 5) dão origem a um discurso distinto do PE.

Conforme foi referido, as divergências relativamente ao padrão europeu são o resultado natural do processo de aprendizagem do Português como L2,

---

<sup>4</sup> Para uma descrição mais sistemática, veja-se Gonçalves (1996) e (1997).

num contexto em que há pouca ou nenhuma oferta linguística de acordo com a norma europeia. Pode assim considerar-se que nem as diferentes inovações lexicais acima apresentadas nem os desvios gramaticais a esta norma, do tipo dos que ocorrem nas frases 1-5, são produzidos conscientemente pelos falantes. É exactamente por essa razão que a própria comunidade que produz estas inovações, quer sejam lexicais ou gramaticais, é também capaz de as abandonar, quando as razões sociolinguísticas que as fizeram surgir deixam de actuar. Uma evidência desta atitude de “desinteresse” dos falantes face à sua própria criatividade linguística é-nos dada pelo destino que tiveram os neologismos lexicais introduzidos nos primeiros anos de independência do país. Neste período, a pressão dos órgãos do poder ideológico por um lado, e as dificuldades materiais do quotidiano da época por outro, fizeram entrar em circulação um léxico novo. Por exemplo, as crianças eram os *continuadores* (da “revolução”), os chamados contra-revolucionários eram metaforicamente designados *Xiconhocas* (= ‘pessoas (‘Xicos’) cobras’), e *abastecimento* designava um conjunto de produtos de consumo básicos (como óleo, arroz, sabão, etc.). Estes vocábulos, usados durante cerca de dez anos pela comunidade moçambicana de locutores de Português, pareciam assim fazer parte do acervo genuinamente moçambicano desta língua. Contudo, sendo o produto linguístico de uma conjuntura social historicamente datada, com o desaparecimento desta, todo este vocabulário desapareceu igualmente do reportório lexical dos falantes, e, em nenhum momento, se assistiu a uma tentativa, por parte da comunidade, de o preservar como parte do património linguístico moçambicano. As novas gerações não sabem já o que significa *Xiconhoca* ou quais os sentidos que palavras como *abastecimento* ou *continuidador* adquiriram no pós-independência. O novo léxico do PM actual está já relacionado com as exigências dos novos tempos, e inclui termos relativos a transportes (cf. *chapa-cem* = ‘meio de transporte público, de propriedade privada’) ou à sociedade de consumo (cf. *dumbanengue* = empréstimo à língua Tsonga que significa ‘mercado informal’).

Estas são algumas das principais características do processo de variação e mudança que atinge a língua portuguesa em Moçambique. De uma maneira geral, tanto nas comunidades linguísticas pós-coloniais mais antigas (como é o caso do Brasil) como nas de formação mais recente (como é o caso de Moçambique), existe uma grande abertura por parte dos intelectuais e das classes dominantes à nativização da língua ex-colonial, isto é, à sua diferenciação relativamente à norma-padrão da ex-metrópole. Note-se, contudo, que esta abertura não se aplica de igual modo a todos os tipos de inovações linguísticas. De um modo geral, considera-se que há “enriquecimento” do Português quando se trata de fenómenos de renovação lexical da língua ex-

colonial, havendo uma atitude de rejeição relativamente aos desvios a nível da chamada gramática da língua, que devem ser objecto de censura escolar (cf. frases 1-5, acima). A título de exemplo desta atitude relativamente à mudança linguística, recordem-se as palavras do poeta José Craveirinha, numa cerimónia realizada no âmbito da Associação Moçambicana de Língua Portuguesa (Maputo, 1995), em que mais do que a abertura à renovação lexical (e não gramatical) do PM se exhibe também um apelo à sua intensificação:

*“Aos moçambicanos cabe agora (...) enriquecer a bela fala portuguesa com vocábulos originais das diversas línguas que fazem parte do acervo do bula-bula<sup>5</sup> moçambicano”* (meu sublinhado).

Esta valorização social dos fenómenos lexicais não impede, contudo, que, em última instância, sejam as mudanças gramaticais que acabam por prevalecer nesta variedade do Português, apesar de não serem as candidatas preferenciais do poder dominante.

### **3 - LITERATURA MOÇAMBICANA EM LÍNGUA PORTUGUESA: O CASO MIA COUTO**

Vivendo neste ambiente linguístico, como reagem os escritores moçambicanos? Que fidelidades ou infidelidades linguísticas cometem no seu discurso relativamente à nova gramática do Português, emergente no seu próprio país? De um modo geral, pode dizer-se que a linguagem literária da maior parte dos escritores moçambicanos que escreve em Português não reflecte as inovações que se exibem no discurso corrente nesta língua. Por outro lado, nos casos em que se registam rupturas relativamente à norma europeia ‘standard’, tal não significa necessariamente que as formas “desviantes” sejam parte do PM. A fim de não alongar muito esta análise, tomarei como objecto de comparação entre o PM corrente e os escritores que divergem da norma europeia, a obra de MC, cuja linguagem, como referi no início, lança frequentemente dúvidas nos leitores quanto à sua “genuinidade” linguística.

Do ponto de vista linguístico, na obra de MC sobressaem sobretudo as inovações lexicais, e não tanto as inovações gramaticais no sentido restrito acima assinalado. Como afirma Vázquez Cuesta (1994:641), “é o vocabulário que verdadeiramente surpreende (...) não pela abundância de moçambicanismos léxicos (...) mas pela criatividade de que dá mostra o autor na invenção de termos novos.”

---

<sup>5</sup> *Bula-bula*: ‘falar’ (empréstimo da língua Changana).

Num estudo sobre as inovações lexicais presentes em algumas obras deste escritor<sup>6</sup>, Gaspar et al. (1994) mostram que o processo mais produtivo é o da “amalgama”, que resulta da combinação aleatória de pedaços de palavras de uma língua pre-existente. Exemplos: *animaldades* ou *solistência*, palavras obtidas respectivamente pelas seguintes associações de palavras do PE: *ani[mal]* + *[mal]dade* e *soli[tária]* + *[exi]stência*. Ainda de acordo com Gaspar et al. (1994), na obra de MC são igualmente frequentes as combinações de prefixos e sufixos existentes no PE com novas bases, dando assim origem a palavras inexistentes nesta variedade do Português. Vejam-se as palavras obtidas por prefixação, *descuidadoso* ou *incompletar*, e as palavras derivadas por sufixação, *açucaroso* ou *sofrência*.

No que se refere à gramática do Português de MC, embora os fenómenos inovadores sejam praticamente irrelevantes na sua obra, no plano sintáctico, esta também exhibe algumas diferenças relativamente à norma europeia. Por exemplo, verifica-se que o pronome pessoal é sistematicamente colocado antes do verbo (cf. *Ela se acostumara*), e que o artigo definido é omitido junto de pronomes possessivos (cf. *Minha vizinha quase rachava...*)<sup>7</sup>.

Comparando as propriedades linguísticas dos textos de MC com o PM, e admitindo, por suposição, que este último constitui a norma de referência para o escritor, somos obrigados a concluir que, desse ponto de vista, o escritor comete numerosos “erros”. Por exemplo, no que diz respeito ao léxico, em nenhuma das recolhas de dados já efectuadas sobre o PM, foram registados fenómenos de amalgama, e quanto às associações de prefixos/sufixos do PE a novas bases (cf. *perigosidade* (PM) ou *açucaroso* (MC)), também se viu aqui que no PM este processo tem carácter disperso, em contraste com a obra do escritor, que a ele recorre frequentemente. No que diz respeito às novidades gramaticais, o contraste entre o PM e MC é ainda maior, não só porque, apesar de dominantes no discurso corrente, estas estão praticamente ausentes da obra do escritor, como também porque, nos poucos casos em que são integradas no seu discurso literário, estas se revelam “erradas”. Por exemplo, no que se refere à colocação dos pronomes pessoais, verifica-se que a tendência dominante no PM é para colocar o pronome em posição pós-verbal (cf. frase 3), e não antes do verbo como se verifica em MC<sup>8</sup>.

---

<sup>6</sup> Nomeadamente *Vozes Anotecidas* (1987), *Cada Homem é uma Raça* (1990), *Cronicando* (1991) e *Terra Sonâmbula* (1992).

<sup>7</sup> Exemplos extraídos da obra *Estórias Abensonhadas* (1994).

<sup>8</sup> Note-se que a área em que a obra de MC revela mais “fidelidade” ao PM é a dos empréstimos, ocorrendo frequentemente neologismos de origem bantu usados na língua corrente.

## 4 - CONCLUSÕES

Em síntese, embora os escritores moçambicanos não sejam insensíveis ao processo de mudança que atinge o Português em Moçambique, não é possível nem correcto avaliar as “novidades” que se exibem nestes dois domínios de uso desta língua com base nos mesmos critérios. As motivações e as causas que levam à ruptura com a norma padrão são muito distintas consoante se trate da linguagem literária de escritores individuais ou da linguagem corrente de uma comunidade. No que diz respeito à primeira, e como afirmou Luandino Vieira<sup>9</sup> referindo-se à sua própria obra e à de MC, a ruptura é o produto de uma “atitude mental face à língua portuguesa (...) que é a procura de irreverência, de romper a língua”. O próprio MC, já em 1988<sup>10</sup>, no início da sua carreira literária, defendia o direito a *brinciar*, um neologismo da sua autoria que consiste exactamente em “brincar com as palavras, criando” (p. 85). Quanto às mudanças que ocorrem na linguagem corrente, pode dizer-se, como foi aqui visto, que emergem “naturalmente” no processo de aquisição do Português como língua não materna, apesar de uma atitude generalizada por parte dos falantes de atingirem uma convergência com a norma padrão da língua tomada como alvo.

Estas são algumas das considerações gerais que é possível tecer no momento presente sobre a forma como se articulam em Moçambique o discurso literário e o discurso corrente em Português.

---

## REFERÊNCIAS

- GASPAR, A.; Santos, A.; & Diogo, C. (1994). Inovação Lexical nos Textos de Mia Couto. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 12: 58-63.
- GONÇALVES, P. (1996). Aspectos da Sintaxe do Português de Moçambique. In Faria et al. (Orgs.). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa* (pp. 313-322). Lisboa: Caminho.
- GONÇALVES, P. (1997). Tipologia de “Erros” do Português Oral de Maputo. In Stroud, C. & Gonçalves, P. (Orgs.). *Panorama do Português Oral de Maputo - Vol. II: A Construção de uma Banco de “Erros”* (pp. 37-70). Maputo: INDE, Cadernos de Pesquisa nº 24.
- \_\_\_\_\_. (1998). Para uma Aproximação Língua-Literatura em Português de Angola e Moçambique. *Palavras*, 14: 77-85.
- \_\_\_\_\_. & Siteo, B. (1998). Mudança Linguística em Situação de Contacto de Línguas: o Caso do Changana e do Português. Comunicação apresentada no *V Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais* (Maputo, 1-5/9/98) (não publicada).

---

<sup>9</sup> Entrevista concedida pelo escritor a Rosa Correia em Cerveira (1997, não publicada).

<sup>10</sup> Cf. *Cronicando* (1988).

THOMASON, S. & Kaufman, T. (1988). *Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics*. Berkeley: University of California Press.

VÁZQUEZ CUESTA, P. (1994). Observações sobre o Português de Moçambique. In Ramón Lorenzo (Org.) *Actas do XIX Congreso Internacional de Lingüística e Filoloxía Románicas (Universidade de Santiago de Compostela, 1989)* (pp.631-647). A Coruña: Fundación "Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa".